

[...]

É por tudo isto que termino com uma homenagem à coerência e à persistência de um grande homem que nos deixou há muito poucos dias. Refiro-me ao Professor José Mariano Gago, o nosso único Ministro da Ciência, com quem tive o privilégio de partilhar lutas universitárias bem difíceis, sempre ao serviço de Portugal. Mariano Gago era uma personalidade nacional e internacional singular, pela sua inteligência, pela sua capacidade de trabalho, mas também pela forma como liderava os projetos e, acima de tudo, como acreditava e lutava por eles. Profundo conhecedor da ciência e dos atuais cientistas portugueses, porque os ajudou a crescer, foi também o grande promotor de uma cultura científica nacional associada à cidadania, que também criou, nas últimas décadas, em Portugal. Outros saberão, melhor do que eu, prestar-lhe homenagem nesses campos. A começar no Senhor Presidente do Conselho Geral que o convidou para voltar da Suíça para Portugal e lhe confiou a Presidência da JNICT, futura FCT.

No entanto, creio que posso, como poucos, recordá-lo aqui como o meu Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior com quem tive o privilégio de trabalhar, durante vários anos, na qualidade de Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Também aqui se deve a Mariano Gago uma verdadeira mudança de paradigma no ensino superior representada pelo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior que, do meu ponto de vista, permitiu às universidades portuguesas, ao contrário das gregas, sobreviverem, nos últimos anos, ao maior atentado à autonomia universitária desde o 25 de Abril.

A aproximação de Mariano Gago à realidade universitária, da qual suspeitou durante muito tempo, deu-lhe a conhecer um terreno onde ele, negociador habilíssimo, conseguiu sucessos políticos notáveis como a passagem de três prestigiadas universidades públicas a fundações públicas de direito privado, estatuto que ainda perdura na atualidade.

Creio que Mariano Gago só visitou uma vez o IHMT ao longo do mandato mas sei bem como era sensível ao papel desta instituição no espaço da CPLP onde ele também intervinha com regularidade, por exemplo, na promoção da qualificação de novos doutores.

Com a sua morte, precoce, Portugal perdeu um grande vulto e muitos, nos quais me incluo, perderam um grande amigo.

A melhor forma de respeitarmos a sua memória é continuarmos a fazer boa ciência, a formar bem os nossos estudantes e a construir o futuro da sociedade portuguesa com a coerência e com a perseverança de quem recomeça todos os dias. Esse é, para mim, o principal desafio que ele nos deixa. Vamos honrá-lo.

[..]

António Rendas

Extrato do discurso proferido na Cerimónia de Abertura do 3.º Congresso Nacional de Medicina Tropical, 20 de abril 2015, Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade NOVA de Lisboa